



Beatriz Gomes Felipe da Silva<sup>1</sup>  
Duany da Silva Steinhorst<sup>2</sup>  
Felipe Lameu dos Santos<sup>3</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Unir a formação acadêmica à prática docente é um dos caminhos apresentados por diversos teóricos como Nóvoa (1992; 2009), Franco (2006), Pimenta (2012), Gatti et al. (2019), ou seja, a prática como reflexão da teoria, e essa discussão se amplia para o âmbito político educacional.

Embora haja grande desenvolvimento de conteúdo teórico na graduação, o contato que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) nos proporciona com as escolas e diferentes realidades e perspectivas, nos faz enxergar que só a teoria não nos prepara fidedignamente para a docência. Portanto, todo conteúdo teórico que temos na graduação não é e nunca será suficiente para nos preparar para as situações que vamos vivenciar na prática. Para enfrentar o cotidiano na posição de professor, devemos estar munidos com conteúdo teórico para embasar nossas ações, mas evidenciando a relevância da vivência no âmbito escolar.

De acordo com o autor Sanchez Vasquez (1977) não é possível olhar a prática de forma isolada, é necessário que exista articulação entre ambas, portanto a teoria e a prática são indissociáveis.

Este relato tem como objetivo descrever, contextualizar e analisar as experiências vividas por duas bolsistas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Pretende-se por meio deste relato apresentar o trabalho que vem sendo desenvolvido num colégio federal, localizado no estado do Rio de Janeiro, com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Serão apresentadas as propostas de aula e como elas estão sendo desenvolvidas até o presente momento pelos alunos integrantes desse polo e o professor da turma e supervisor, além de expressar os sentimentos e indagações que surgiram durante esse tempo inseridas no programa de iniciação à docência.

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. E-mail:

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, E-mail:

<sup>3</sup>Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ–, [felipelameu@gmail.com](mailto:felipelameu@gmail.com);



## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa é um relato de experiência. Relato de Experiência trata-se da apresentação de uma reflexão sucinta, a partir de uma organização estruturada pelo próprio formador (com introdução, desenvolvimento e conclusão), no qual possa analisar aspectos que considere significativos na evolução de sua prática docente, indicando os aspectos positivos e as dificuldades identificadas na organização e no desenvolvimento da aula, os resultados e outros elementos que julgar pertinentes. O relato de experiência, de forma geral, deverá conter informações sobre a aula realizada, conforme informações do planejamento, e resultados alcançados fazendo a relação entre teoria e prática, conhecimentos desenvolvidos no curso e aplicabilidade em aula.

O método do presente estudo se deu a partir dos relatos e vivências de duas acadêmicas do Curso de Licenciatura em Educação Física, de uma universidade federal do Rio de Janeiro, vinculados ao PIBID. O trabalho desenvolveu-se a fim de apresentar e analisar os relatos das experiências vividas no período de 2 meses (uma vez por semana) em uma turma de 4º ano do ensino fundamental, contendo 22 alunos matriculados. O presente relato contém o primeiro contato com a turma, a adaptação da prática pedagógica no âmbito escolar e as discussões em reuniões.

De acordo com Weber (2009) o diário de campo é uma ferramenta importante para a autoanálise do(a) pesquisador(a), não sendo um texto completo, mas um material de análise da pesquisa, podendo haver partes que não serão mencionadas em publicações científicas, mas que devem ser consideradas durante a análise dos dados.

Assim sendo, foi utilizado como fonte para este relato os diários de campo escritos pelas acadêmicas de educação física, sugeridos pela coordenadora de área do curso de educação física do PIBID, em que os licenciandos participantes do programa descrevem suas experiências nas aulas presenciadas em seus respectivos polos. Nele estão presentes descrições das atividades de cada aula, como tais atividades ocorreram, além de conter os sentimentos e sensações vividos em cada momento.

Além disso, ocorrem reuniões quinzenais com todos os alunos integrantes do programa e a coordenadora de área, reuniões semanais com os supervisores, e reuniões mensais com todos. Durante esses encontros há compartilhamento de experiências vividas, discussão sobre textos pedagógicos, e isso tudo contribuiu para a criação deste relato de experiência. Os participantes do programa de iniciação à docência (de todos os polos) relatam acontecimentos presenciados nas aulas de educação física, tais como problemáticas e compartilham seus sentimentos em

relação a isso, quais atitudes foram tomadas, e principalmente os questionamentos que surgiram. Através destes, a coordenadora de área do programa fez sugestões de textos que conversavam com as questões levantadas, para na medida do possível estabelecer conexões entre a teoria e a prática.

### **O PRIMEIRO CONTATO**

Toda a nossa vivência escolar, até então, havia sido como discente. Afinal todos passamos nossa infância e adolescência inteira na escola. Com o ingresso no programa de bolsa de iniciação à docência voltamos para o ambiente escolar que já estávamos familiarizados e que conhecíamos muito bem, enxergando agora por um novo ângulo, pelos olhos do docente.

No primeiro contato com a escola, desde a primeira visita, ainda sem a presença dos estudantes, surgiram um misto de sentimentos e sensações; tais como nostalgia, nervosismo, ansiedade e até medo. Mesmo estando num ambiente que passamos certa parte da vida, era como se nunca tivéssemos estado lá. E realmente, nunca estivemos no ambiente escolar dessa forma, estar na escola como docente era algo novo que nunca tínhamos experimentado. É como estar no mesmo lugar, mas dessa vez vendo as coisas por uma outra perspectiva.

O colégio nos foi apresentado uma semana antes de conhecermos os estudantes e suas turmas. Este polo destaca-se por ser um colégio federal, farto em recursos materiais e possuidor de uma estrutura física excelente. Ao conhecer o local onde guardam os materiais para as aulas de educação física, ficamos admirados com a quantidade e diversidade de recursos disponíveis. Além disso, o colégio é equipado para atender da melhor forma os alunos, contando com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), com sala de artes, de música, diversas salas de aula, quadra coberta, piscinas, e um posto médico (dentro do colégio), biblioteca, sala de leitura, laboratório de Ciências e informática e jardim sensorial.

### **O CHÃO DA ESCOLA**

Durante o trimestre a proposta sugerida para trabalharmos foi atletismo, esse tema já havia sido escolhido previamente á participação dos pibidianos no programa. Os planos de aula das duas primeiras aulas de atletismo já haviam sido construídos pelo professor da turma, somente a partir da terceira aula, o planejamento ocorreu em conjunto. A primeira aula do trimestre teve como atividade principal o arremesso de peso, nessa aula ainda não possuímos vínculo com o colégio portanto não participamos.

Na semana seguinte, no dia 07/06/2023, fomos ao colégio novamente, dessa vez para acompanhar a aula da turma 402, contendo 22 estudantes matriculados. No primeiro contato

percebemos que as crianças eram agitadas, algumas muito carinhosas, umas mais falantes que outras. Víamos que estavam curiosos querendo saber quem éramos, o que estávamos fazendo ali e quanto tempo ficaríamos. Logo no início da aula, o professor responsável pela turma sentou as crianças em círculo no meio da quadra, como normalmente faz, e nos apresentou para eles. A turma nos recebeu bem e nesse dia acompanhamos a aula, sem grandes intervenções.

Nessa primeira aula que acompanhamos percebemos que era uma turma agitada, mas o professor responsável conseguiu conduzir bem a aula sem grandes problemas. Contudo, percebemos que a turma tem um comportamento difícil, além de possuir alguns estudantes retidos. De modo geral, a turma tinha uma boa relação professor  $\times$  aluno, entretanto, alguns alunos têm conflitos internos e demonstram comportamentos agressivos uns com os outros (a parte dos conflitos e de comportamentos agressivos só percebemos ao longo das aulas, no primeiro contato entendeu-se que a turma era apenas agitada).

Segundo Marcel Crahay (2007, p. 185): “O balanço das pesquisas disponíveis sobre os efeitos da repetência não tem ambiguidade aí: em regra geral, os alunos fracos que repetem progridem menos que os alunos fracos que são promovidos. Ou seja, pode-se considerar que a repetência constitui um meio contra produtivo de fazer face às dificuldades de aprendizagem dos alunos fracos”.

Em concordância com o autor, estudantes retidos tendem a ter um menor desempenho que os promovidos, então reunir vários estudantes retidos numa mesma turma pode ser visto como um erro, pois pode vir a atrapalhar não só o desempenho da turma em geral, como também dos próprios estudantes retidos. Já que eles apresentam desinteresse nas atividades propostas, seja por já terem feito anteriormente, por acharem as atividades desinteressantes, ou por serem mais velhos que os outros da turma. Assim sendo, é um desafio para o professor conduzir uma aula que inclua todos os estudantes em suas inúmeras diversidades. Portanto, entende-se que a melhor estratégia seria dispersar os estudantes retidos em turmas diferentes para que os professores conseguissem dar a devida atenção a todos.

No dia 14/06, a aula foi a progressão do salto triplo e corrida em grupo, com o objetivo de trabalhar a cooperatividade. Os estudantes foram separados em 4 grupos de 8 integrantes e cada grupo foi disposto em uma quina da quadra, e um grupo só poderia iniciar a corrida quando o outro grupo passasse completamente por ele.

Na aula seguinte, no dia 21/06/2023, o plano de aula contemplava 3 atividades principais: corrida lenta ao redor da quadra, corrida de curta distância (simulando uma corrida rasa) e, por último, a corrida matemática. Nessa aula, em que ficamos como principais responsáveis pela mediação dos conteúdos a serem abordados em aula, todas as questões da

turma ficaram ainda mais evidentes. Por nossa falta de experiência como docentes acabamos perdendo o controle da aula logo após o início. As crianças batiam umas nas outras, outras se recusaram a realizar as atividades propostas e com isso não conseguimos dar atenção às outras crianças e seguir com o plano de aula. Esse dia, certamente, foi o mais marcante para nós até o momento, porque foi o dia que saímos com um sentimento de frustração pela primeira vez e cheias de questionamentos. Nessa ocasião não conseguimos realizar a última atividade prevista no plano de aula.

Na semana seguinte, dia 28/06/2023, fizemos parte da elaboração do plano. O conteúdo escolhido foi salto em barreira e corrida com obstáculos e para a realização das atividades a turma foi dividida em 3 grupos iguais, e cada uma de nós ficou com um grupo e o professor da turma com o outro. A aula fluiu muito bem, e percebemos que a divisão da turma em grupos diminuiu os conflitos entre os estudantes, assim tendo melhor aproveitamento da aula. Esse foi o último dia de aula do trimestre.

Uma estudante se recusava a fazer as atividades propostas, e a pibidiana responsável pelo grupo, por falta de experiência, não sabia o que fazer e a deixou sem fazer nada. Então, essa menina disse a seguinte frase: “você que é a adulta aqui”. Isso, talvez, não tivesse importância alguma em qualquer outro contexto, porém naquele dia foi muito impactante, vindo de uma estudante. Aquilo foi um lembrete de que professores são figuras de autoridade em aula, que tem a responsabilidade de guiar a aula da melhor maneira possível, e é justamente isso que se busca durante a formação inicial e continuada.

Segundo Freire (1979), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, rever e renovar suas estratégias pedagógicas para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar.

Na próxima aula, dia 05/07/2023, foi realizada a avaliação prática dos estudantes. As crianças foram colocadas em círculo, como normalmente ficam nos inícios das aulas. Então, foram feitas perguntas para eles sobre o que se lembravam das aulas de atletismo, quais as modalidades foram vivenciadas em aulas e descrevê-las. Então, o professor escolhia um aluno e pedia para ele descrever uma modalidade do atletismo que foi abordada em aula e, após isso, selecionar algum aluno para demonstrar a atividade anteriormente explicada e então registrava

com uma foto. Assim, foi feito um livreto contendo fotos dos estudantes realizando as atividades das vivências do atletismo.

Em concordância com Freire (1995) em seu livro “Professora sim, tia não” ,o educador deve buscar fazer a leitura de seus alunos, afim de entendê-lo como um todo e trabalhar sua individualidade. Entretanto, na prática é muito complexo e difícil trabalhar esse conceito, tendo em vista que o docente é responsável por uma turma inteira e quase sempre sem auxílio de outro profissional para ajuda. Na turma 402, encontramos um aluno que expressa bastante agitação e tem problemas de convivência com os demais colegas de classe. Como conseqüência do seu comportamento, sofre uma certa "perseguição" por parte dos colegas, que implicam com ele frequentemente e o rejeitam em atividades coletivas. Essa é uma situação complicada e exige uma leitura delicada e específica para esse aluno. Embora haja bastante participação nas aulas, encontra-se dificuldades em incluí-lo justamente por essa rejeição dos colegas. Há um outro aluno nessa turma,diagnosticado com Autismo, que dificilmente demonstra interessa nas aulas de educação física, e por conta disso, é um desafio faze-lo participar das atividades, ou se interessar pelas aulas. Ademais, outros alunos se recusam a participar de algumas das atividades e ficam sentados nas laterais da quadra.

Além das questões individuais de cada aluno, o professor tem que atingir os objetivos do trimestre a ser trabalhado. Ainda não sabemos qual é a forma certa de lidar com cada circunstância nas aulas e talvez nunca tenhamos essas respostas, pois ser professor é um constante e interminável processo de aprendizagem e adaptação. Mas temos certeza de que através da formação acadêmica, somada a participação no PIBID estamos nos preparando para lidar de forma mais profissional e ao mesmo tempo humana possível com cada situação que apareça no cotidiano escolar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As atividades realizadas durante o trimestre, nas aulas de educação física, da turma acompanhada pelas acadêmicas trouxeram êxito e alcançaram de modo geral os objetivos das aulas, como: experimentar práticas corporais (adaptadas ao atletismo); autoavaliar-se tomando consciência das próprias conquistas; demonstrar sentimentos diante das práticas da cultura corporal. De certo, que nem todas as atividades foram executadas de forma padrão segundo o plano de aula, houve flexibilidade vinda do professor para realizar e conduzir a aula atendendo as necessidades da turma. Afinal, apesar das aulas serem previamente preparadas, a prática é repleta de incertezas, contratempos e, por isso mudanças na execução do planejamento são

comuns nas aulas de educação física. Assim sendo, o docente precisa estar preparado para lidar com essas diversas situações que surgem no cotidiano escolar.

De acordo com Tardif (2007) a profissão do futuro professor depende de alguns saberes essenciais para exercer a sua profissão e esses saberes são necessários para aplicar em seu cotidiano. É importante que o docente domine alguns conhecimentos específicos, principalmente em relação aos conteúdos, as disciplinas e ao currículo e isso se dá por meio de vivências da prática docente.

O PIBID é fundamental para a formação da prática docente, o programa abre portas e gera uma bagagem de conhecimentos, experiências e aprendizados. Conclui-se que, ao vivenciar a rotina do professor durante a participação no programa, os formandos têm a oportunidade de vivenciar a realidade da sala de aula, adquirindo experiência prática, aperfeiçoando seus conhecimentos teóricos e encarando novas perspectivas e realidades, tendo uma visão mais realista sobre os desafios e as recompensas da carreira.

A prática e o contato com o chão da escola realmente nos trazem uma realidade totalmente diferente, e nos coloca numa posição contrária a que estávamos familiarizados, a de professor, entendendo a importância de enxergar o outro, ouvir e compreender a realidade e o tempo de cada um, e o PIBID é uma excelente oportunidade para isso.

## REFERÊNCIAS

LUCENA LIMA, Maria Socorro; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Poésis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2010.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. ALMANAQUE PEDAGÓGICO AFRO-BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA SUPERAÇÃO DO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR. 3. Ed. Mazza Edições, 2012.

Ministério da Educação. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: EDUCAÇÃO É A BASE. Editora do Brasil. Brasil, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>

LACERDA, Chislaine Keile Fernandes Ruiz. REPETÊNCIA E FRACASSO ESCOLAR. [s.d.], [s.l.]. Disponível em: <

[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/md\\_chislaine\\_keile\\_fernandes\\_ruiz](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_chislaine_keile_fernandes_ruiz)

EFAM, Coordenação pedagógica. ROTEIRO PARA ORIENTAR O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA. [s.l.], 2016. Disponível em: < <https://www.enfam.jus.br/wp-content/uploads/2016/12/Orienta%C3%A7%C3%A3oEscritaTextoRelatoExperi%C3%Aancia.pdf>

CRAHAY, Marcel. Qual pedagogia para os alunos em dificuldade escolar? Cadernos de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas, v. 37, n. 130, p. 181-208, jan/abr. São Paulo: Autores Associados, 2007.

Estudos e Pesquisas em Psicologia  
2020, Vol. 02. doi:10.12957/epp.2020.52579  
ISSN 1808-4281 (online version)

Weber, F. (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. Horizontes Antropológicos, 15(32), 157-170. doi:10.1590/S0104-71832009000200007

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. Filosofia da Práxis. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

BULGRAEN, Vanessa. REVISTA CONTEÚDO ARTIGO © Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010 – ISSN 1807-9539 30 O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO.